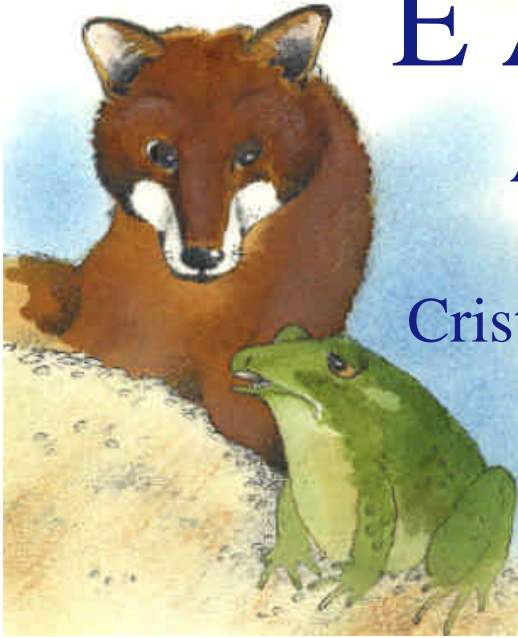


O SAPO E A RAPOSA



António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou

O sapo e a raposa herdaram umas terrinhas de uma velha bruxa, muito velha, que gostava de sapos e raposas. Mas isso faz parte de outra história.

Aquela que para aqui trazemos conta-nos como foi essa sociedade entre um sapo saparrão e uma raposa raposeca.

– Vamos colher a nossa fortuna nestas terras, compadre – dizia a raposa.

– Mas antes de colhermos, temos de semear... – lembrava o sapo.

– Acertado preceito, compadre! Vejo que os demorados mergulhos nos charcos não lhe embotaram juízo. E como se faz a sementeira?

O sapo tratou de tudo. Mondou, lavrou, sachou, semeou e, depois, esperou.

– Assim venha a chuva – suspira a raposa, vendo o sapo trabalhar.

Veio a chuva.

– Assim venha o bom tempo – suspirou a raposa.

Veio o bom tempo e os campos ficaram lindos. Então a raposa, quando as espigas estavam maduras, ajudou o sapo nos trabalhos da ceifa. Deitada à sombra de uma oliveira, guardava-lhe o cântaro da água e amolava-lhe a foice, para que ele ceifasse melhor...

O sapo ceifou, debulhou e juntou um belo monte de trigo e outro de palha.

– Aqui está a nossa fortuna – dizia a raposa, muito risonha.

Depois de tudo arranjado, os dois sócios foram deitar-se. Na manhã seguinte, a raposa foi ter com o vizinho e compadre e disse-lhe:

– Compadre e amigo, venho fazer-lhe uma proposta vantajosa.

– Diga lá.

– Vamos ambos ao mesmo tempo até à eira, e o que lá chegar primeiro fica com o trigo todo. É assim a modos que o prémio da corrida. Que acha?

O sapo respondeu-lhe:

– Olhe, minha comadre, fiz uma jura de nunca aceitar propostas sem ouvir os conselhos de um meu colega. Eu não demoro.

O sapo foi visitar um outro sapo e expor-lhe a proposta da raposa.

– A coisa arranja-se – respondeu-lhe o colega consultado. – Somos tão semelhantes que a raposa não consegue diferenciar-nos. Eu parto já para a eira e trato de

ensacar o trigo. Tu vais ter com a raposa e, depois de longa discussão, para me dares tempo, aceitas a proposta.

Assim se fez.

– Um, dois, três... – gritou a raposa, ao dar início à corrida – Quem lá chegar primeiro fica com tudo.

A espertalhona fiava-se na sua velocidade e na pouca ligeireza do sapo. Ela, que não ajudara nada no trabalho, ia, numa corrida, arrebatá-lo tudo só para ela...

Quando chegou à eira e viu o sapo, um sapo a ensacar o trigo, ficou banzada.

– Então eu deixei o compadre para trás. Como é que me ultrapassou?

– Por cima – explicou o sapo. – É que eu salto muito alto.

A raposa teve de se render. Afinal a esperteza e a malandrice não lhe valeram de nada. Bem feito!

FIM